



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação
Silvia Fabiana Rocha de Jesus

**VALORES HUMANOS E FORMAÇÃO DO CIDADÃO: UM ESTUDO DE CASO COM
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.**

Salvador
2009

Universidade Federal da Bahia

Silvia Fabiana Rocha de Jesus

Valores Humanos e Formação do Cidadão: Um estudo de caso com alunos do Ensino Médio.

Salvador
2009

Silvia Fabiana Rocha de Jesus

Valores Humanos e Formação do Cidadão: Um estudo de caso com alunos do Ensino Médio.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da UFBA, como requisito para a obtenção do grau de graduação.

Orientador:
Profº Dr. Miguel Angel Garcia Bordas.

Salvador
2009

Silvia Fabiana Rocha de Jesus

Valores Humanos e Formação do Cidadão: Um estudo de caso com alunos do Ensino Médio.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da UFBA, como requisito para obtenção do grau de graduação.

Salvador, 10 de dezembro de 2009.

Miguel Angel Garcia Bordas
UFBA

Cleverson Suzart Silva
UFBA

Maria Cecília de Paula
UFBA

SUMÁRIO

Resumo	2
1 - Introdução	3
1.1 - Ensino Médio: Educar para que?	5
1.2 - Valores Morais e Éticos	13
1.3 - Transversalidade e Interdisciplinaridade	17
1.4 - Valores Morais e Éticos na Escola	24
1.5 - Inteligência Emocional	29
1.6 - Trabalho de Campo	32
2 - Considerações Finais	38
Referências	40
Anexos	44

RESUMO

Este estudo busca investigar como professores e alunos recebem a formação para a cidadania, pautada em valores morais e éticos, enquanto vivemos em uma sociedade que visa uma formação capitalista, seja ela pelas vias do Ensino Superior ou no mundo do trabalho.

Investigaremos também, de forma específica qual a necessidade do ensinamento de valores para esses alunos, como a escola procura aliar a preparação para o vestibular e o ensinamento de valores e se o aluno se preocupa com valores morais e éticos para o seu futuro profissional?

Palavras – Chave: Valores – Moral – Ética – Ensino Médio – Ensino Superior – Profissional.

1 - INTRODUÇÃO

A preocupação referente a esse assunto surge quando faço estágio curricular em certo colégio de grande porte em Salvador e percebo que ao último ano do Ensino Médio é dado um tratamento especial no que se refere à preparação para o Ensino Superior, onde todo e qualquer evento, e/ou atividade extracurricular é programado e preparado para atender às necessidades que dizem respeito a essa fase da vida do estudante.

Mediante aos questionamentos referentes a essa preparação para o futuro do aluno, busco investigar o quanto é importante, para a então escola usada como campo de análise, preocupar-se com o ensinamento dos valores morais e éticos, aliados à preparação para o Ensino Superior e/ou vida profissional.

Como essa preocupação geralmente parte das escolas que buscam excelência em termos de aprovação em todo e qualquer processo seletivo que tem como função o acesso ao Ensino Superior é corriqueira, como fica a formação para o futuro, como profissional e como cidadão? Até onde essa formação de valores é importante, uma vez que esta é uma busca social almejada pelas famílias e em geral.

Dessa maneira, essa análise institucional permeia as atividades extracurriculares realizadas para uma melhor capacitação desses indivíduos, tentando saber como são aliadas aos ensinamentos dos valores morais e éticos em momentos tão decisivos da sua vida.

O Objetivo Geral desse trabalho que está sendo apresentado é investigar como as escolas se preparam para educar os alunos para o Ensino Superior e o mundo do trabalho sem deixar de lado a preparação deste como humano, no que se refere aos valores morais e éticos importantes para todo e qualquer cidadão?

Em virtude dessa investigação buscaremos saber também, de forma mais específica:

- Qual a necessidade do ensinamento de valores para esses alunos;
- Como a escola procura aliar a preparação para o vestibular e o ensinamento de valores;
- Preocupação dos alunos em relação aos valores morais e éticos para o seu futuro profissional.

Diante desses objetivos, geral e específicos, expostos, existe uma preocupação, por parte dos alunos e da própria escola, no que dizem respeito aos ensinamentos de valores morais e éticos, na educação para o futuro acadêmico e profissional, que são necessárias no ensino médio?

De início, com a finalidade de contextualizar a problemática que me inquieta, irei trazer um breve relato teórico de como a sociedade se comporta em relação ao Ensino Médio e todo o futuro que esse nível de ensino acarreta. Será exposto também nos primeiros capítulos como as Leis referentes ao Ensino Médio expõem e direcionam essa formação.

Nos primeiros capítulos será trazida toda a teoria acerca dos valores morais e éticos, assim como a definição de Moral e Ética. Em conseqüência, será mostrado como os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio e também do Ensino Fundamental, do ponto de vista disciplinar, dá diretrizes em relação à educação de tais valores, abordando a possibilidade e/ou necessidade da Transversalidade e Interdisciplinaridade, assim como as definindo e mostrando as suas diferenças.

A partir 4º capítulo será discutido qual o papel da escola em relação a esses valores propostos. A nossa finalidade, entretanto, não será de trazermos um manual de como ensinar valores, mas de como devemos nos portar como educadores e quais os direcionamentos mais convenientes a tomar. No capítulo seguinte abordarei como a

Inteligência Emocional, pautados nos ensinamentos de valores, pode ser tão ou mais importante na formação do educando quanto os ensinamentos técnicos.

Enfim, no último capítulo, será feita a pesquisa de campo, em uma escola estadual, com 10 alunos do Ensino Médio, assim como 5 professores e 1 coordenador de tal nível de ensino. Logo após coletar os dados será feita a análise e exposta com bases teóricas.

Dessa maneira, foram feitos questionários para 10 alunos e 5 professores do 3º ano do Ensino Médio para posterior análise. Solicitamos à escola 10 minutos antes da primeira aula, para que os alunos tenham tranquilidade e não prejudique suas aulas. Com relação a professores e coordenador serão solicitamos intervalos de uma aula para outra ou em quaisquer outros momentos em que estes estejam disponíveis.

1.1 – ENSINO MÉDIO: ENSINAR PARA QUE?

Para os setores médios da sociedade, fazer ensino médio é algo quase natural, tanto quanto comer, tomar banho, etc., e muitas vezes sua motivação está associada à possibilidade de recompensa, seja por parte dos pais ou pelo ingresso na universidade.

Em se tratando de indivíduo, no social ou em desenvolvimento, este vai construindo, elaborando, apropriando-se das vozes de culturas, de significados que configuram as ideologias e mentalidades de cada coletividade, de cada cultura, e que definem os espaços públicos, deónticos e os limites do privado em cada universo simbólico.

Para Libâneo (1998):

“... a escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela

cultura paralela (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana.” p.2.

Somente a partir desse movimento pode-se pensar em uma educação que preserve os processos de singularidade e de pluralidade, que garanta a polivocidade da expressão semiótica do indivíduo e que lhe permita adquirir meios de expressão relativamente autônomos e emancipatórios.

É apenas caminhando nessa direção que o professor pode assumir uma postura que, fundamentada num novo olhar sobre o homem e o mundo, o torne um o “outro” que ensina. Assim sendo podemos dizer que toda forma de educação é uma caminhada ascendente de um indivíduo, num processo de individuação, re-significação, de estações que conduzem para os entendimentos da experiência que a humanidade, a sua espécie, realizou durante as épocas anteriores. É uma caminhada histórica para conhecer a saga, a aventura da humanidade, da ciência, e dos homens que o antecederam, seus produtos, sua cultura, seus desafios e atributos e qualidades.

Do ponto de vista da busca pela profissionalização o lado econômico destaca-se como dimensão fundante a estrutura tensiva dos modos de produção de um sistema capitalista, das relações entre capital e trabalho como se fossem estas as únicas formas de compreender o ser humano e suas relações. Isto configura um marco importante para a compreensão dos sistemas, culturas e mentalidades que organizam as relações humanas e sociais da época moderna neste recorte e sistemas de valores sociais, estabelecendo os princípios de uma organização social e suas prioridades para um entendimento do que possa ser um desenvolvimento e suas formas de transformação almejadas.

Do ponto de vista da compreensão de progresso e a evolução do homem na sociedade, seus valores e sistemas de referências determinam o que configura e constrói a cultura dominante em cada momento. Caminhamos num horizonte de referências que contextuam sistemas significativos e pautas comportamentais.

Cada cultura promove projetos de vida e os entendimentos entre os indivíduos e, assim, permite as trocas materiais e espirituais dentro dos sistemas significativos que prioriza e contextualiza semanticamente. A cultura aparece assim como formas de memória coletiva, patrimônio étnico, ordem simbólica, rituais e regras sociais que permitem articular os indivíduos entre si e com o mundo circundante. Inscritos num contexto cultural somos participes e compartilhamos idéias, crenças, valores, sentimentos e convicções. Assim as relações entre cultura, pensamento e linguagem oferecem um vasto campo de reflexão para educadores por serem marcadores de campos simbólicos e significativos como referencial de troca.

Nesse sentido buscamos pesquisar escolas que se dividem entre atender aos anseios capitalistas dos quais se encontram a necessidade de preparar os alunos da melhor maneira para os desafios intelectuais que irão enfrentar investindo constantemente nos melhores profissionais de ensino e no que há de mais moderno em tecnologia educacional, para que nossos alunos estejam prontos, sem temer qualquer situação, mas determinados a ajudar a construir um mundo melhor, enquanto, por sua identidade, tem o compromisso de formar pessoas preparadas para fazer a diferença no mundo em que vivem.

Socialmente falando, esses três anos que se referem à modalidade de ensino em questão, apesar de ser o período mais curto de toda a educação básica, parecem ser os mais controversos e que causam dificuldades na hora de definir políticas para o ensino médio. Fala-se da perda de uma identidade que na verdade nunca foi muito clara, que não seja o trampolim para a universidade ou a formação profissional.

Em suma, a política educacional dos últimos anos tem dado pouca importância ao ensino médio. Ele só aparece nos programas oficiais do governo em sua vertente técnico-profissional que, embora válida no contexto sócio-econômico do país, só representa uma parte do problema que é muito mais amplo e que precisa ser repensado. E pela sua relevância e importância social, é preciso que o ensino médio deixe de figurar nas políticas públicas de educação em apenas uma de suas vertentes.

Da mesma forma como se criticou a discriminação em relação ao ensino técnico, critica-se agora a omissão do governo em relação à educação geral, no caso mais específico, o vestibular.

Uma das motivações acerca da conclusão do ensino médio é conseguir trabalho ainda que este seja um argumento um pouco frágil frente à sombra do desemprego, e é nesse debate surge uma nova dimensão, que é o da condição da empregabilidade dos jovens. Numa época de emprego massivo, a formação vem a estabelecer uma hierarquia entre os jovens de classes populares e, por isso, o diploma é um motivo, ainda que frágil, para os alunos estudarem.

O conhecimento também é reconhecido como elemento de diferenciação, mas os jovens de escola pública consideram que aprendem pouco e que o ensino público é ruim. Ainda assim o desemprego continua a assombrar e a necessidade de continuar a estudar ou de buscar outras estratégias para a obtenção da titulação torna-se cada vez maior.

Ao mesmo tempo, o estudante tem em seu imaginário a possibilidade de estudar na universidade, ainda que remota. E este imaginário também ocupa a mente da maioria dos professores, que fazem do número de aprovados no vestibular um dos indicadores mais importantes de qualidade da escola e demonstra a legitimidade dos conteúdos ensinados, afetando bastante a proposta pedagógica da escola.

Para Libâneo (1998):

“Essa formação tem a finalidade de formar cidadãos participantes em todas as instâncias da vida social contemporânea, o que implica articular os objetivos convencionais da escola às exigências postas pela sociedade comunicacional, informática e globalizada.”p.2

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (1998):

“... a formação deste aluno em questão deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas à área de atuação.” p.5

Propondo assim uma formação geral em oposição à específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização.

No que se refere à Reforma Curricular e à Organização do Ensino Médio, os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Básica, expõe que o currículo, enquanto instrumento da cidadania democrática, deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando à integração de homens e mulheres no tríplice universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva.

Nessa perspectiva, incorporam-se como diretrizes gerais e orientadoras da proposta curricular as quatro premissas apontadas pela UNESCO, por meio de sua Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors (2000), como eixos estruturais da educação na sociedade contemporânea:

- Aprender a Conhecer

Considera-se a importância de uma educação geral, suficientemente ampla, com possibilidade de aprofundamento em determinada área do conhecimento. Prioriza-se o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, considerado como meio e como fim. Meio, enquanto forma de compreender a complexidade do mundo, a condição necessária para viver dignamente, para desenvolver possibilidades pessoais e profissionais, para se comunicar. Fim, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

O aumento dos saberes que permitem compreender o mundo favorece o desenvolvimento da curiosidade intelectual, estimula o senso crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição da autonomia na capacidade de discernir.

Aprender a conhecer garante o aprender a aprender e constitui o passaporte para a educação permanente, na medida em que fornece as fases para continuar aprendendo ao longo da vida.

- Aprender a Fazer

O desenvolvimento de habilidades e o estímulo ao surgimento de novas aptidões tornam-se processos essenciais, na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam. Privilegiar a aplicação da teoria na prática e enriquecer a vivência da ciência na tecnologia e destas no social para ter uma significação especial no desenvolvimento da sociedade contemporânea.

- Aprender a Viver

Trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento do outro e a percepção das interdependências, de modo a permitir a realização de projetos comuns ou a gestão inteligente dos conflitos inevitáveis.

- Aprender a Ser.

A educação deve estar comprometida com o desenvolvimento total da pessoa. Aprender a ser supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida. Supõe ainda exercitar a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação, para desenvolver os seus talentos e permanecer, tanto quanto possível, dono do seu próprio destino.

Aprender a viver e a ser decorrem, assim, das duas aprendizagens anteriores – Aprender a conhecer e Aprender a fazer – e devem constituir ações permanentes que visem à formação do educando como pessoa e como cidadão.

A partir desses princípios gerais, o currículo deve ser articulado em torno de eixos básicos orientadores da seleção de conteúdos significativos, tendo em vista as competências e habilidades que se pretende desenvolver no Ensino Médio.

Um eixo histórico-cultural dimensiona o valor histórico e social dos conhecimentos, tendo em vista o contexto da sociedade em constante mudança e submetendo o currículo a uma verdadeira prova de validade e de relevância social. Um eixo epistemológico reconstrói os procedimentos envolvidos nos processos de conhecimento e assegurando a eficácia desses processos e a abertura para novos conhecimentos.

Quanto à condição humana, que é o que nos interessa de fato, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tem também como finalidade:

“A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.”p.313

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no Art. 35 da Seção VI (1996), o ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá com uma de suas finalidades, a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos. Além de preparar de forma básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; e para a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Após explanarmos sobre o que a Lei expõe sobre o Ensino Médio é pertinente, no que diz respeito à vida profissional e futura do educando, já que esta se configura a preocupação maior em relação à formação do cidadão, enxergamos os vestibular como uma das vias de acesso mais comum para essa finalidade. Em conjunção a essa necessidade, temos o vestibular como nosso objeto de estudo.

Na tentativa de definir o vestibular chegamos à conclusão de que este é um método de exame aplicado pelas universidades brasileiras com a finalidade de selecionar candidatos às vagas por ela oferecidas e caracteriza-se normalmente como uma prova de aferição dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental e médio, sendo o principal meio de acesso ao ensino superior no Brasil. Para isso o estudante deve haver concluído a educação secundária e ser aprovado no exame vestibular ou haver sido aprovado em processo de seleção estabelecido pela instituição na qual pretende realizar seus estudos.

Logo existe uma vasta dúvida quanto ao modo de preparação para aumentar as chances de sucesso, isto é, reduzindo a ansiedade que marca essa etapa, haja vista a procura da população pelo ensino para os seus filhos em escolas confessionais interessada na tradição que normalmente essas escolas têm por terem sido fundadas há muitos anos, na qualidade e seriedade do ensino que costuma estar associada à tradição e aos valores que os pais esperam que seus filhos encontrem nessas escolas.

É pensando nisso que as boas escolas se preocupam em cumprir os conteúdos previstos para o ensino médio e escolas religiosas, cada vez mais, vem destacando quando o assunto é educação de qualidade e conseqüentemente a procura por essas escolas cresce, ainda que cultivem costumes próprios e sejam conservadores.

Constata-se então, que mesmo as escolas de regimes tradicionais, pautadas em exigências próprias, vem buscando perfis capitalistas e formar além de homens de bem, segundo os ensinamentos divinos, pessoas com habilidades o suficiente para buscar

espaço neste mundo onde o que impera é o capitalismo. Haja vista essas escolas estarem disputando mercado e sendo procuradas por terem esse perfil de unir a consciência de mundo contemporâneo e valores morais éticos e mesmo religiosos.

Para desenvolver esse trabalho é necessário que se investigue e questione, em determinadas escolas, como se é possível contemplar a formação do indivíduo suprindo todas as imposições capitalistas, sem deixar de lado a formação para a vida pautada no espiritual.

1.2 – VALORES MORAIS E ÉTICOS

O progresso e a evolução do homem na sociedade, seus valores e sistemas de referencias determinam o que configura e constrói a cultura dominante em cada momento.

Cada cultura promove projetos de vida e os entendimentos entre os indivíduos permitem as trocas materiais e espirituais dentro dos sistemas significativos que prioriza e contextua semanticamente. Nesse caso a cultura aparece como formas de memória coletiva, patrimônio étnico, ordem simbólica, rituais e regras sociais que permitem articular os indivíduos entre si e com o mundo circundante.

Assim a educação pode se apresentar como a experiência dos indivíduos, para ter um conhecimento pleno do que se torna necessário e de promovê-lo também. É a experiência de conhecer-se como singularidade, individualidade e particularidade até chegar a ser sujeitos plurais, comunitários. Esta experiência poderá ser representativa de uma educação condicente e oportuna em cada momento da história da comunidade. Cada indivíduo toma consciência de sua temporalidade e espacialidade e do que se torna necessário das urgências que uma consciência comunitária poderia promover.

Ao partirmos do pensamento individual para o comunitário temos a essência desse processo representada nas relações de alteridade que permite nexos entre processos identitários e suas diferenças. É preciso ressaltar a importância dos outros seres humanos, da mediação social-coletiva, para o desenvolvimento individual e para a sobrevivência própria como ser singular e plural.

O que estamos denominando como mediação social comunitária entra em vigor como tentativa de compreender as relações do indivíduo e o social, a sociedade entendida como o conjunto dos outros indivíduos. O outro não é apenas aqui visto como indivíduo, mas como formas culturais e simbólicas que entram em jogo através de instancias de cultura individual e formas de cultura coletiva, que configuram o que pode ser entendido como “vozes dos outros”, “vozes de si mesmo”, ou até de instancias do público e do privado.

O conceito de mediação coletiva, por sua vez, é um conceito chave que funciona como operador entre os componentes de um sistema, privado/público, subjetivo/intersubjetivo/ transubjetivo, que permite compreender os processos de internalização e de objetivação, as relações entre pensamento e linguagem, entre língua e fala e voz, ou a interação entre sujeito e objeto.

Mostra uma caminhada, toda uma serie de elementos que Eliseo Verón (1993) considera como sendo uma semiosis social. Em suma, é um trabalho das relações simbólicas - da mediação simbólica, que são relações entre palavras e conceitos propriamente, não é um trabalho, pois, de relações de referencia, mas de relações de designação. Aqui, neste contexto não há referencia, há referenciação, os processos são de indicação, alusão, menção dos significados, no nível das relações entre pensamento e linguagem.

Nesse contexto referido a mediação comunitária /coletiva é um conceito central, chave, que funciona como operador que permite compreender os processos como estações ou movimentos de internalização e objetivação.

Somente a partir desse movimento pode-se pensar em uma educação que preserve os processos de singularidade e de pluralidade, que garanta a polivocidade da expressão semiótica do indivíduo e que lhe permita adquirir meios de expressão relativamente autônomos e emancipatórios. É apenas caminhando nessa direção que o professor pode assumir uma postura que, fundamentada num novo olhar sobre o homem e o mundo, o torne um o “outro” que ensina.

A tarefa da educação pode consistir em proporcionar aos indivíduos caminhos para chegar ao conhecimento histórico da experiência que os outros indivíduos de sua espécie realizaram. É uma exigência histórica, antropológica e humana. A humanidade percorreu um enorme caminho, construiu valores, significados e criou linguagens para expressar as tensões de suas vivências e lutas para configurar as formas comunitárias e os momentos coletivos do que é considerado a modernidade ou o terceiro milênio.

Por outro lado, os atuais sistemas de educação, dissociaram o aspecto material do espiritual. Fragmentaram o conhecimento e comprometeram o desenvolvimento integrado da personalidade dos alunos.

Nesse fim de século as trocas culturais e simbólicas estão cada vez mais fortes e mais acessíveis a todos os indivíduos. Dessa maneira, o homem está sedento de conhecimentos, de fé e de experiências espirituais.

Ao chegar nesse momento de trocas constantes e que ocorrem de maneira frenética, é necessário, para o ser humano, encontrar seu rumo e direcionar seu destino e a educação, nesse contexto, tem papel fundamental, já que pode trazer uma nova compreensão da natureza humana, do mundo e da própria existência.

A restauração da unidade e da integração dos conhecimentos, que então é proposta, só ocorrerá quando os valores morais e espirituais fizerem parte da educação e preparação de indivíduos com elevado padrão de dignidade e grandeza de objetivos.

Sendo assim, é importante que se ensine a pensar, a enfrentar desafios internos e externos. Só assim uma transformação terá êxito e permitirá que cada indivíduo contribua para o progresso consciente dos valores morais e espirituais, esforçando-se para cunhar um novo modelo de sociedade.

Como o homem, apesar de ser um ser material, vive em um ambiente de valores, símbolos e sinais, e esse assunto permeia esse trabalho, procuraremos então, para melhor compreensão do que falamos tentar definir os que seriam esses valores morais.

Os valores humanos são fundamentos morais e espirituais da consciência humana. Todos os seres humanos podem e devem tomar conhecimento dos valores a eles inerentes. A vivência dos valores, quando percebidos como próprios do indivíduo, alicerça o caráter e reflete-se na conduta como uma conquista espiritual da personalidade.

Segundo Cabanas (1996), a questão central da ética é a de responder o que nos obriga a sermos bons. É a ética que nos permite buscar critérios para definirmos o que é ser bom, correto ou normalmente certo e que nos fornece explicações para nosso senso de dever moral.

Para algumas posições filosóficas, valores são critérios últimos de definição de metas ou fins para ações humanas e não necessitam de explicações maiores além deles mesmos para assim existirem. Em suma, devemos ser bons por que a bondade é um valor, honestos por que a honestidade é um valor assim por diante com outros valores como a solidariedade, a tolerância, a piedade que têm um caráter natural, universal e obrigatório em nossa existência.

Para outras posições, os valores são determinados por culturas particulares e em função de certos momentos históricos, variando, portanto, de acordo com cada sociedade e período de sua existência.

A ética e a moral estão na mesma área, mas não são a mesma coisa. A ética é a compreensão, a percepção, a visão que todo ser humano tem sobre qual é o seu valor de conduta, quais os princípios que geralmente usa-se para agir na vida em sociedade.

Moral e ética possuem definições complementares, porém há diferenciações nos seus conceitos: moral é o conjunto de deveres, derivados da necessidade de respeitar as pessoas nos seus direitos e na sua dignidade. Logo, a moral se encontra na dimensão da obrigatoriedade. Ética é a reflexão sobre a felicidade e sua busca, a procura de viver uma vida significativa, uma “boa vida”, ou seja, a ética pertence à dimensão desejável. A moral manda e a ética aconselha. Assim, se a ética é a teoria, é a concepção, a moral é a prática. Isto é, a partir daquilo que se entende, a ação se faz de determinado modo.

Ética é o conjunto de regras, princípios, maneiras de pensar que guiam, ou chamam a si a autoridade de guiar, as ações de um grupo em particular ou o estudo sistemático da argumentação sobre como nós devemos agir.

Todo ser humano é dotado de uma consciência moral que o faz distinguir entre o certo ou o errado, justo ou injusto, bom ou ruim, podendo assim avaliar suas ações.

Dessa maneira a ética vem a ser valores que se tornam deveres, incorporados por cada cultura e que são expressos em ações.

A simples existência da moral não significa a presença explícita de uma ética entendida como filosofia moral, pois é preciso uma reflexão que discuta, problematize e interprete os valores morais.

1.3 – TRANSVERSALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE

Educação moral, no ambiente escolar, significa introduzir os educandos no contexto do debate ético com o objetivo de fomentar, por meio de um procedimento argumentativo/dialógico, a sensibilidade para as questões morais e a formação de uma subjetividade como o fórum de decisões práticas.

Para pedagogia, o contato com os valores morais é inevitável, até porque, seria um erro não trabalhá-los. Por um lado para conseguirmos cumprir nossos deveres éticos, precisamos de disposições de caráter que pressupõem o cultivo das virtudes; é preciso ser corajoso, para dialogar é preciso ser humilde, para ser solidário é preciso ser generoso e assim por diante. Por outro lado, as virtudes dizem respeito a sentimentos que participam da construção da personalidade moral.

Segundo Goergen (2001) o que se pretende a seguir não é oferecer um modelo de "ética pedagógica" em termos de indicação de valores e procedimentos morais que deveriam ser transmitidos aos alunos, mas apresentar uma análise das dificuldades e problemas que a temática envolve. Não se trata apenas de sublinhar as rupturas que a tradição vem sofrendo, mas de dimensionar o entendimento de uma nova realidade que o desenvolvimento social, científico-tecnológico e teórico contemporâneos vem instituindo.

Educação moral, portanto, não pode ser interpretada como uma internalização mecânica ou literal de normas. Educação moral é muito mais um processo de familiarização com um discurso moral a partir de princípios gerais, na sua interface com circunstâncias concretas. Não compete, portanto, à educação assumir um controle do mundo moral; sua tarefa restringe-se à introdução do educando no contexto dos princípios morais e nos modelos de debate, sendo que ela não dispõe de recursos ou mesmo de autoridade para impor determinadas formas de comportamento, livres de desvios.

A educação moral é a presença pedagógica junto ao educando que tem como objetivo o despertar de suas competências morais. Papel central ocupa, na opinião de

Goergen (2001), o despertar da consciência dos educandos para os problemas e contradições da sociedade contemporânea e sua forma de organização, tematizando a perspectiva exclusivamente individualista instrumental e recentralizando o interesse do educando sobre a dimensão do social e a responsabilidade que cabe a cada um na sua transformação.

Metodologicamente podem acontecer posturas opostas sobre como educar em valores. Há posturas doutrinárias, de acordo com as quais acredita-se que um conjunto de valores, considerados fundamentais, devem ser transmitidos prontos a todos, como verdades acabadas.

Por outro lado, há posturas mais relativistas, com as quais a escola eximi-se de assumir tal educação em valores deixando que isso ocorra de forma assistemática, não – planejadas, nos seus mais diversos espaços.

Escolas religiosas, por exemplo, adotam uma postura doutrinária quando catequizam seus alunos a respeito de valores como a fé, piedade, amor ao próximo, respeito, caridade, tolerância e outros.

Certos valores são tomados como postulados, verdadeiros por si próprios e, deles, outros são derivados como a existência de Deus em cada um de nós e o respeito ao próximo como respeito a Ele por exemplo.

No entanto, segundo Menin (2002):

“... a educação em valores na escola pode se dar de forma oposta à matéria doutrinária, pois cada professor e seus alunos podem ter posições diferentes sobre o que é correto, bom, justo, isto é, sobre o que tem valor.” p.95.

Segundo Dias (1999):

“... tais transformações, associadas ao processo de globalização, apontam para a necessidade de reapropriação do tema da educação de valores, com vistas à melhor se posicionar numa sociedade marcada, em última instância, pela tecnificação e racionalização das relações sociais. p.2

Sendo assim, essas transformações cobram a revisão dos paradigmas educacionais e, conseqüentemente, a busca de um novo fundamento axiológico que tensione esse novo modelo societal e que aponte na direção da construção de novos valores educativos pautados na solidariedade e na cooperação, em contraposição ao individualismo, à competição e à fragmentação das pessoas, desencadeados pela chamada sociedade da informação e da comunicação.

Apesar de existir várias posturas contrárias em relação à educação de valores e embora haja muita cobrança por mudanças no que diz respeito à revisão de paradigmas educacionais, essa não se configura uma tarefa fácil. São necessárias mudanças urgentes no sentido de se oferecer subsídios teórico-metodológicos para que as escolas possam se apropriar desse material e, em conseqüência se formule uma maneira para que melhor se aparelhem na consecução dos seus objetivos educacionais, que, em última análise, significam o desenvolvimento de sujeitos racionais, críticos, livres e autônomos.

Como exemplo de métodos que venham ser usados na tentativa de enfrentar esse desafio em relação à mudança de paradigmas educacionais, Adelaide Dias (1999) apresenta um artigo que apresenta a discussão em grupo de dilemas sócio-morais como um recurso metodológico eficaz para a promoção da consciência moral em crianças. Analisa o processo de mudança no pensamento moral, identifica os estágios onde as mudanças ocorreram e analisa como as mudanças foram realizadas. Por fim, discute algumas limitações do enfoque teórico adotado e faz algumas sugestões para a realização de futuras pesquisas.

A Lei de Diretrizes e Bases propõe a Educação de Valores, por sua vez, como objetivo dos segmentos da Educação Básica, não cabendo, conseqüentemente, a um único componente curricular, até por que se trata de um objetivo e não de um tema, traz em seu bojo a expectativa de que, em sendo trabalhada pelas várias disciplinas, possa tratar-se efetivamente de uma educação em valores, ou seja, que estes valores sejam trabalhados e vivenciados no cotidiano da escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional propõe os chamados temas transversais, entendidos como aqueles que, por sua relevância, marcadamente por dizerem respeito à vivência concreta das pessoas e à expectativa e a ações também concretas por que fazem parte da vida, perpassam ou deveriam perpassar todas as disciplinas, devendo ser por elas trabalhados.

Cada disciplina e todas elas devem desenvolver esses temas buscando aquilo que é específico a cada área do conhecimento. Entendidos como parte da vida, não podem ser tratados de maneira isolada ou por uma única disciplina, ou seja, a interdisciplinaridade torna-se desejada e a única forma capaz de dar conta desses temas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental incorporaram a tendência de Transversalidade e a incluem no currículo de forma a compor um conjunto articulado e aberto a novos temas, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, dentre os Temas Transversais propostos, a Ética é um dos temas mais trabalhados do pensamento filosófico contemporâneo, além de estar presente no cotidiano de cada um.

Por se tratarem de questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los. Ao contrário, a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento.

Diante disso optou-se por integrá-las no currículo por meio de que se chama de Transversalidade: pretende-se que esses temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionado-as a questões da atualidade.

A proposta da Transversalidade pode acarretar algumas discussões do ponto de vista conceitual, como, por exemplo, a da sua relação com a concepção de interdisciplinaridade, bastante difundida no campo da pedagogia. Essa discussão é pertinente e cabe analisar como estão sendo consideradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais as diferenças entre os dois conceitos, bem como suas implicações mútuas.

A Transversalidade e a Interdisciplinaridade se fundamentam na crítica de uma concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeito a um ato de conhecer isento e distanciado. Ambas apontam a complexidade do real e a necessidade de se considerar a teia de relações entre seus diferentes e contraditórios aspectos. Mas diferem uma da outra, uma vez que a Interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento, enquanto a Transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática.

A Interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles – questiona a visão compartimentada, de forma disciplinar, da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se construiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas.

A Transversalidade, por sua vez, diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados e as questões da vida real.

Na prática pedagógica, Interdisciplinaridade e Transversalidade alimentam-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer

um trabalho pautado na Transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida.

A Transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia de ambos. Por essa mesma via, a Transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, esta Interdisciplinaridade deve ir além da justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evitar a diluição delas em generalidades. De fato, será principalmente na possibilidade de relacionar as disciplinas em atividade ou projetos de estudo, pesquisa e ação, que a Interdisciplinaridade poderá ser uma prática pedagógica e didática adequada aos objetivos do Ensino Médio.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio propõem a ética como Tema Transversal, devendo ser trabalhado de formas articuladas com diversas disciplinas. O professor deve trabalhar diversos temas éticos em sala de aula, fazendo com que seus alunos reflitam, discutam e posicionem-se sobre os mesmos.

O conceito de Interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, não deixando de enfatizar que a Interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção.

A escola, nesse sentido, pode proporcionar aos alunos um aprendizado sobre o comportamento que devem seguir, para que este traga benefícios a todos. É importante criar laços de solidariedade entre os alunos, fazer com que eles se preocupem com o

bem estar dos colegas e participem de certa forma, de sua vida a fim de aprenderem a viver socialmente.

1.4 – VALORES MORAIS E ÉTICOS NA ESCOLA

Entende-se que a escola, na Modernidade, além de ser o locus de transmissão de um saber sistematizado, socialmente legitimado, é também o locus de transmissão e inculcação de um determinado conjunto de idéias, valores e atitudes, de internalização de hábitos e normas que contribuem para a reprodução da sociedade de classes mantendo-se, nesse processo, a desigualdade das relações e os privilégios de grupos e classes.

Desse modo, a escola não é apenas o lugar onde os indivíduos aprendem algo, mas é principalmente o lugar onde aprendem a ser alguém cujos modelos de identificação estão definidos fora do espaço escolar, cabendo à escola reforçá-los através da ação pedagógica.

Assim, no contexto discursivo que se configura na escola, alunos e professores em suas interações não estão apenas, ao falar um com outro, estabelecendo relações semânticas entre diferentes enunciados, mas confrontando-se num determinado contexto histórico, como membros de um determinado grupo social. É nesse contexto - nas relações entre os sujeitos, através delas e tendo-as como matéria de produção de seus valores e de suas referências - que se forma a consciência do indivíduo como sujeito e como membro de um grupo.

Sabe-se que a melhor, para não dizer a única, forma de ter sucesso na educação moral, na formação ética e na pacificação das relações é, no seio da escola, trabalhar a qualidade do convívio social entre seus membros (professores, alunos, funcionários e pais). Logo, em vez de limitar-se a impor inúmeras regras, é melhor a escola deixar claro, para todos, os princípios que inspiram à convivência social.

No contexto do trabalho pedagógico realizado pela escola, são inúmeras as formas de mediação que se estabelecem entre indivíduos e o conhecimento. Entre elas, destaca-se a mediação do outro, que ensina e faz junto, permitindo a construção partilhada, a mediação dos signos lingüísticos e os recursos sistematizados pedagogicamente, que permeiam todas as interações, organizando os instrumentos para a atividade intelectual. A atividade mediada é constituída a partir de um processo interpsicológico.

Numa instituição escolar o corpo docente deverá trabalhar o desenvolvimento da moral através de exercícios contínuos sociais ou individuais que estimulem a compreensão das virtudes e sua prática pelas crianças. E para isso é preciso ter educadores conscientes de seu papel de orientador, respeitando os graus de desenvolvimento psicológico de seu aluno.

Deve ser dado, portanto, apoio aos alunos na organização dos seus protestos morais, ajudando-os a desenvolver competências sociais. É importante que sintam que podem estar lado a lado com os professores na implementação da moralidade na escola. É importante trabalhar o desenvolvimento moral de forma conjunta entre escola e comunidade, trabalhando virtudes nos alunos de modo a formar cidadãos com capacidade de equacionamento moral: pensar e colocar em hierarquia para tomar uma decisão, respeitando sempre as regras, os princípios morais e os valores.

Dessa forma, o discurso do outro, tanto, pode ser dirigido para constituir-se num terreno de manipulação/dominação, quanto num campo de exercício de novas possibilidades e de libertação de preconceitos. Tanto serve para legitimar relações sociais opressivas, lesivas às minorias e a determinados estratos da população quanto está apto a tornar-se um meio de incorporação de mudanças.

Podemos trabalhar a moralidade em sala de aula, mostrando que existem padrões morais e éticos e que podemos escolher qual ou quais nortear nossa vida. Trazer exemplos históricos e personalidades que podem ampliar esses conceitos

demonstrando como é válido e importante para o desenvolvimento, seguir princípios, mesmo que inicialmente isso sugira conformação com regras que nem sempre pareçam boas aos alunos.

Considerar as fases da heteronomia e autonomia, para trabalhar com os alunos, valendo-se de que na heteronomia, elas seguirão regras de fora dela sem juízo de valor, levando em conta o respeito à autoridade do outro, para isso ensinar as virtudes da generosidade, respeito mútuo, justiça e humildade entre outras.

Se atentar para isso o professor contribuirá para o desenvolvimento de uma formação mais humanizada de alunos adolescentes autônomos, que passam a fazer suas escolhas considerando os princípios que já fazem parte de seu caráter. Estimular e valorizar virtudes como a justiça, generosidade, gratidão e humildade também é importante no contexto coletivo da sala de aula, pois possibilita aos alunos o exercício do companheirismo, valorização das qualidades do outro, interdependência e tantas outras responsabilidades tão importantes na sua formação.

Em resumo, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000), a escola deve oferecer um meio para que os alunos façam experiências morais de forma que as disciplinas não sejam impostas de fora, e sim investigadas através de uma atividade espontânea. A fim de viabilizar esse meio existem três pontos devem ser assinalados a esse respeito:

1- A educação forma um todo, as atividades desenvolvidas pelo aluno relacionadas às disciplinas escolares supõem um esforço de caráter e um conjunto de condutas morais. O educando que trabalha "ativamente" deve comportar-se de modo diferente do aluno tradicional, que escuta uma lição ou realiza um "dever" escolar.

2- Na escola tradicional tem-se uma soma de indivíduos, e não uma sociedade, a comunicação entre os alunos é proibida e a colaboração quase inexistente, cada aluno trabalha para si, ele deve escutar o professor e mostrar através de avaliações

apropriadas o que absorveu dessas informações.

3- Para aprender uma determinada disciplina não há método melhor do que descobrir por meio da experiência. Do mesmo modo, para adquirir virtudes como solidariedade e responsabilidade, a escola deve se empenhar em colocar o indivíduo em uma situação que ela experimente essas realidades espirituais e descubra por si mesmo suas leis constitutivas. É natural confiar aos próprios educandos à organização de uma sociedade onde impera o trabalho em comum de seus membros.

Qualquer que seja o domínio em que se estenda a educação moral, o método ativo busca sempre: não impor pela autoridade aquilo que o educando pode descobrir sozinho, criar um meio propício, onde aqueles determinados alunos possam realizar as experiências desejadas.

A escola deve também preocupar-se com o convívio escolar, uma vez que esse se refere a todas as relações e situações vividas na escola, dentro e fora da sala de aula, em que estão envolvidos direta ou indiretamente todos os sujeitos da comunidade escolar.

A busca entre o que se pretende ensinar aos alunos e o que se faz na escola é também fundamental. É certo que muitas medidas estão fora do alcance dos educadores, mas há muitas delas que são possíveis e, quando for o caso, a reivindicação aos responsáveis em torno da solução de problemas é um importante ensinamento das atitudes de auto-estima, co-responsabilidade e participação.

O trabalho com temas sociais, em especial moral e ética, se concretizará nas diversas decisões tomadas pela comunidade escolar, o que aponta a necessidade de envolvimento de todos no processo de definição do trabalho e das prioridades a serem eleitas. Assim, a opção por esse trabalho precisa mobilizar toda a comunidade escolar no processo de definição das propostas e das prioridades a serem eleitas para o seu desenvolvimento. O fundamental é que todos possam refletir sobre os objetivos a serem

alcançados, de forma a que se definam princípios comuns em torno do trabalho a ser desenvolvido.

Propor que a escola trate questões sociais na perspectiva da cidadania coloca imediatamente a questão da formação dos educadores e de sua condição de cidadãos. Para desenvolver sua prática os professores precisam também desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade em que estão, isto é, precisam poder situar-se como educadores e como cidadãos, e, como tais, participantes do processo de construção da cidadania, de reconhecimento de seus direitos e deveres, de valorização profissional.

O desafio, então, é o de não esperar por professores que só depois de prontos poderão trabalhar com os alunos. Sem desconhecer a necessidade de investir na formação inicial e de criar programas de formação continuada, é possível afirmar-se que o debate sobre as questões sociais e a eleita conjunta e refletida dos princípios e valores, assim como a formulação e implementação do projeto educativo já iniciam um processo de formação e mudança.

Em suma, para o professor a escola não é apenas o lugar de reprodução de relações de trabalho alienadas e alienantes. É também, lugar de possibilidade e construção de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com a instituição, com o Estado, com os alunos, suas famílias e comunidade.

Sendo assim, nós como educadores, devemos dar uma atenção especial para o desenvolvimento ético dos educandos, pois como sabemos a formação moral dos seres humanos acontece tanto no meio familiar, como no educacional, uma vez que a pessoas não nascem boas ou ruins; é a sociedade que, quer queira quer não, educa moralmente seus membros, embora a família, os meios de comunicação e o convívio com outras pessoas tenham influência marcante no comportamento de um indivíduo.

Naturalmente a escola também tem essa influência. É importante deixar claro que ela não deve ser considerada onipotente, única instituição social capaz de educar moralmente as novas gerações. Também não se pode pensar em que a escola garanta total sucesso em seu trabalho de formação.

Todavia, tal diagnóstico não justifica uma deserção. Mesmo com limitações, a escola participa da formação moral dos seus alunos. Valores e regras são transmitidos pelos professores, pelos livros didáticos, pela organização institucional, pelas formas de avaliação, pelos comportamentos dos próprios educandos, e assim por diante.

Então, ao invés de deixá-las ocultas, é melhor que tais questões recebam tratamento explícito. Isso significa que essas questões devem ser objetos de reflexão da escola como um todo, ao invés de cada professor tomar isoladamente suas decisões.

1.5 – INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Quando pensamos em como preparar nossos alunos para o futuro profissional, além da busca pelo Ensino Superior, buscamos pautar essa preparação nos valores básicos na formação de todo cidadão.

Ao buscar esses valores além dos éticos e morais, percebemos que os parâmetros do mercado de trabalho estão mudando. Atualmente estamos sendo avaliados por novos critérios que cada vez mais se tornam necessários, de acordo com valores que subsidiam um maior controle dos sentimentos e emoções.

Já não importa o quanto somos inteligentes, nem nossa formação ou o nosso grau de especialização, mas também a maneira como lidamos com nós mesmos e com os outros.

Os novos parâmetros prevêem quem tem maior probabilidade de se tornar um profissional de primeira grandeza é quem está menos propenso a sair do controle. E, seja qual for o campo em que estejamos trabalhando no momento, estes conceitos servem como medida das características cruciais que determinam o nosso valor no mercado, para obtermos futuros empregos.

São parâmetros que pouco tem a ver com o que era considerado na escola antes de ser levado em consideração o quanto a formação em valores pode ser importante para o futuro acadêmico e/ou profissional do indivíduo. Por esses critérios, o conhecimento acadêmico é praticamente irrelevante, já que eles pressupõem que tenhamos suficiente capacitação intelectual e conhecimento técnico para desempenhar o nosso trabalho. Em vez disso, focalizam-se em qualidades pessoais, como empatia e simpatia, capacidade de adaptação e persuasão.

De forma conceitual, o termo “Inteligência Emocional” foi utilizado pela primeira vez em um artigo de mesmo nome, no qual é apresentado como uma subclasse de Inteligência Social, cujas habilidades estariam relacionadas ao monitoramento dos sentimentos e emoções em si e nos outros, na discriminação entre ambos e na utilização desta informação para guiar os pensamentos e as ações.

A utilização dos processos relacionados à Inteligência Emocional se inicia quando uma informação, carregada de afeto entra no sistema perceptual, envolvendo os seguintes componentes (Mayer & Salovey, 1997 apud Bueno, 2003):

- Avaliação e expressão das emoções em si e nos outros;
- Regulação da emoção em si e nos outros;
- Utilização da emoção para adaptação.

Esses processos ocorrem tanto para o processamento de informações verbais, quanto não – verbais.

A Inteligência Emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

O processamento de informações emocionais é explicado através de um sistema de quatro níveis, que se organizam de acordo com a complexidade dos processos psicológicos que se apresentam (Mayer & Salovey, 1997 apud Bueno, 2003):

- Percepção, avaliação e expressão da emoção;
- A emoção como facilitadora do pensamento;
- Compreensão e análise de emoções; emprego do conhecimento emocional;
- Controle reflexivo de emoções para promover o crescimento emocional e intelectual, descritos a seguir.

A percepção e expressão das emoções abrangem desde a capacidade de identificar emoções em si mesmo, em outras pessoas e em objetos ou condições físicas, até a capacidade de expressar essas emoções e as necessidades a elas relacionadas, e ainda, a capacidade de avaliar a autenticidade de uma expressão emocional, detectando sua veracidade, falsidade ou tentativa de manipulação.

A emoção como facilitadora do ato de pensar diz respeito à utilização da emoção como um sistema de alerta que dirige a atenção e o pensamento para as informações mais importantes, sejam elas internas ou externas. A capacidade de gerar sentimento em si mesmo pode ajudar uma pessoa a decidir, funcionando como uma espécie de ensaio, no qual as emoções podem ser geradas, sentidas, manipuladas e examinadas antes da tomada de decisão.

A compreensão e análise de emoções incluem desde a capacidade de identificar diferenças e nuances entre elas, até a compreensão da possibilidade de sentimento para outro, como a raiva para a vergonha, por exemplo.

O controle reflexivo das emoções para promover o crescimento emocional e intelectual, por sua vez, refere-se à capacidade de tolerar reações emocionais, agradáveis e desagradáveis, compreendê-las sem exagero ou diminuição de sua importância, controlá-las ou descarregá-las no momento apropriado.

Sendo assim, ao falarmos da Inteligência Emocional, procuramos de certa forma esclarecer que qualquer indivíduo pode ser melhor do que é à medida que aprende e vai se desenvolvendo no decorrer da vida com suas experiências acumuladas. Outro fator não menos importante para esse desenvolvimento é que as habilidades emocionais podem ser avaliadas e melhoradas, uma vez que seja de competência individual ou aplicada em grupo, o que poderá produzir um resultado positivo e rentável.

Nesse sentido à escola, assim como a todo e qualquer educador, cabe a função de educar de forma que o indivíduo não se torne apenas um colaborador de uma determinada empresa, mas alguém que seja capaz de ter sentimentos, percepções e opiniões próprias. Não que a Inteligência Emocional venha resolver todos os problemas de relacionamento e criatividade existentes na posterior vida profissional de um educando, mas apresenta algumas formas de utilizá-la e estimulá-la adequadamente, no que diz respeito à autoconsciência, controle das emoções, automotivação, fazer e receber críticas, saber lidar com mudanças, permitindo uma maior habilidade no trato com o ser humano e auxiliando de forma grandiosa a sua vida profissional.

1.6 – TRABALHO DE CAMPO

A pesquisa aplicada teve como problema norteador: “O quanto os valores são importantes na formação do indivíduo em consonância com a formação para o Ensino

Superior e para a vida profissional.” Como atores a serem analisados questionamos 10 alunos, 5 professores e 1 coordenador de uma escola pública de Salvador.

Com relação as 3 perguntas do questionário destinado aos alunos, estes forma unânimes em afirmar que:

1. Aprender sobre moral ajuda na formação do homem;
2. O profissional deve tomar posturas pautadas em valores morais e
3. Os professores devem trazer discussões sobre valores morais para a sala de aula.

Quanto à quarta questão, de caráter discursivo, os questionamos para eles o que são valores. E diante desta pergunta eles nos responderam:

1. Valores não se compram na esquina. A pessoa nasce com alguns e conquistam outros no decorrer da vida;
2. Significa muito, pois ajuda no entendimento do que é moral e principalmente para aqueles que não discutem com os professores;
3. É algo que todos deveriam ter e aprender desde pequenos para ser uma pessoa de bem;
4. É tudo que ajuda na capacitação do homem, não só no mercado de trabalho, mas para a vida;
5. Detalhes que colaboram para o nosso crescimento como cidadãos e nos farão ser respeitados onde estivermos;
6. É algo trazido não só no berço, como no dia-a-dia, em situações aprendidas com os outros;
7. São coisas (características) que algumas pessoas possuem como ser gentil com os outros, ter ética, dentre outras coisas;
8. São noções que o ser humano deve ter sobre questões éticas, cidadania e responsabilidade em suas ações;

9. É o que nos permite sermos fiéis às leis e o que nos é imposto pelos padrões da sociedade;
10. São imposições que recebemos, como por exemplo, as regras que somos obrigados a seguir. Cada pessoa deve analisar o que é certo e o que é errado.

Estes são conceitos que alunos têm em si formados em relação ao que é moral. De um modo geral, esses conceitos permeiam a noção de atitude e posturas em sociedade que devemos ter. São Valores adquiridos na vida, seja pela formação familiar, seja na formação escolar ou no próprio cotidiano, que fazem com que sejamos pessoas “de bem” como foi citado em uma das respostas e sermos pessoas respeitadas em qualquer lugar.

Segundo Martinelli (1999), valores são princípios que fundamentam a consciência humana, o que significa que todo ser humano é dotado de uma consciência moral que o faz distinguir entre o certo ou o errado, justo ou injusto, bom ou ruim, podendo assim avaliar suas ações. Dessa maneira a ética vem a ser valores que se tornam deveres, incorporados por cada cultura e que são expressos em ações.

O questionário aplicado para com os professores teve 3 questões de caráter discursivo, e ao questionarmos 5 destes tivemos as seguintes respostas para cada pergunta:

- O que você entende por moral?
 1. Respeitar os outros e se dar ao respeito;
 2. Conjunto de valores éticos que envolvem responsabilidades, disciplina e respeito, contribuindo para dignificar o ser humano;
 3. Está relacionada à ética. Conjunto de valores que um indivíduo deve apresentar em uma sociedade;
 4. Valores que se modificam com o tempo, de acordo com as circunstâncias e no grupo onde se está;

5. Retidão de caráter, agir corretamente sempre;
- Quais valores você julga importante para a formação do indivíduo?
 1. Sinceridade, honestidade. Com verdade construímos tudo;
 2. Entender que cada indivíduo é único, importante, mas pertence a um grupo ao qual está atrelado. A tolerância é importante;
 3. Caráter, responsabilidade e interesse;
 4. Ética, religiosos, responsabilidade e respeito;
 5. Caráter, personalidade e ser verdadeiro. Ser honesto no que diz e no que faz.
 - De acordo com sua experiência como docente, é possível formar o indivíduo, contemplando o futuro profissional e a valorização de posturas morais?
 1. Sim, por meio de situações em que o indivíduo é confrontado em seu cotidiano;
 2. De forma isolada, nenhum docente poderá atingir esse objetivo. Tudo na vida tem que ter uma divisão de obrigações e responsabilidades;
 3. É possível, desde que haja apoio e colaboração de todos;
 4. É possível fazer as duas coisas, porém em determinados momentos, valorizando mais uma das coisas. Há situações em que as questões morais estarão em primeiro lugar. Em outras estará permeando as atividades de formação profissional;
 5. Sim, muito embora a sociedade tente corromper o jovem e levá-los para caminhos tortuosos, é possível sim formar indivíduos com importantes valores morais e integrá-los ao mundo profissional.

De acordo com as respostas dadas pelos professores observamos que estão em consonância com os alunos. A busca pela formação do indivíduo e a valorização da moral para a vida em sociedade e para a vida profissional se correspondem em diversos momentos, tanto para professores quanto para alunos.

Segundo Eliseo Verón (1993), no sentido de que cultura promove projetos de vida e os entendimentos entre os indivíduos permitem as trocas materiais e espirituais dentro dos sistemas significativos que prioriza e contextua semanticamente e, ao mesmo tempo, educação pode se apresentar como a experiência dos indivíduos, para ter um conhecimento pleno do que se torna necessário e de promovê-lo também. É a experiência de conhecer-se como singularidade, individualidade e particularidade até chegar a serem sujeitos plurais, comunitários. Esta experiência poderá ser representativa de uma educação condicente e oportuna em cada momento da história da comunidade.

Na primeira questão em que interrogamos o que é moral, as respostas nos mostram esta como conjunto de valores que contemplam diversas virtudes a serem alcançadas por todo e qualquer indivíduo com honestidade, respeito, disciplina, caráter, dentre outro. Na segunda questão, em relação a valores que julgam importantes para a formação do indivíduo, foram pontuados tais como honestidade, tolerância, ética, responsabilidade, respeito, caráter e até mesmo valores religiosos.

Em paralelo a essas afirmações, segundo o conceito que foi exposto teoricamente em nossa pesquisa, moral é o conjunto de deveres, derivados da necessidade de respeitar as pessoas nos seus direitos e na sua dignidade. Os professores, por sua vez exemplificam esses deveres apresentando qualidades que devem estar presentes em todo e qualquer indivíduo, a fim de que este tenha Valores Humanos.

Na terceira questão, perguntamos, de acordo com a experiência em docência, se é possível formar o indivíduo, contemplando o futuro profissional e a valorização de posturas morais e os professores foram unânimes em afirmar que sim, é possível, embora reconheçam que seja necessária a colaboração de todos, haja a interferência negativa da própria sociedade e que existam momentos em que uma será mais valorizada que outra, além da necessidade de confrontar os educandos com situações reais do cotidiano social.

Como já havíamos citado antes, o trabalho com temas como moral e ética se concretizarão, segundo Cândido (1999), nas diversas decisões tomadas pela comunidade escolar e pela família, o que aponta a necessidade de envolvimento de todos no processo de definição do trabalho e das prioridades a serem eleitas, a fim de consolidar os valores já existentes nos alunos e incentiva a superação de erros e defeitos. Assim, a opção por esse trabalho precisa mobilizar toda a comunidade escolar no processo de definição das propostas e das prioridades a serem eleitas para o seu desenvolvimento.

Enfim, o único questionamento dado ao coordenador busca saber qual a função da escola na formação do indivíduo, tanto no caráter profissional, quanto no moral. De acordo com essa pergunta foi-nos respondido que a escola tem um papel fundamental na formação do cidadão, já que através dela são ensinados os valores morais, atitudes, além da formação acadêmica, através das disciplinas do próprio Ensino Médio. Afirma-se então que a escola tem o papel de preparar os alunos para a vida, ou seja, para a cidadania e para a vida profissional.

Para Libâneo (2008), a título de complementação do que foi exposto pela coordenadora da então escola analisada, a escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela cultura paralela (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a escola deve orientar seus professores, no sentido de conscientizá-los de seu importante papel na formação de pessoas. Os conteúdos que deverão ser ministrados precisam ser de boa qualidade, porém não se deve esquecer a formação do indivíduo com um todo.

Os princípios básicos da educação devem levar em consideração o indivíduo a se desenvolver de forma responsável, formando assim um homem moral. O homem moral é aquele que avalia a consequência de seus atos de forma profunda, levando em conta o respeito pelo seu semelhante e também cultivando a prática dos Valores Humanos, procurando o bem.

Esse homem reflete, admira e constroa com respeito e amor a si e aos outros, pois, para ser bom não deve ser apenas inteligente e especialista no seu trabalho, mas na sua conduta, uma vez que, ao buscar esses valores além dos éticos e morais, percebemos que os parâmetros do mercado de trabalho estão mudando.

Atualmente somos avaliados por novos critérios que cada vez mais se tornam necessários, de acordo com valores que subsidiam um maior controle dos sentimentos e emoções. Por conseguinte, já não importa o quanto somos inteligentes, nem nossa formação ou o nosso grau de especialização, mas também a maneira como lidamos com nós mesmos e com os outros, em função dos novos parâmetros que prevêm quem tem maior probabilidade de se tornar um profissional de primeira grandeza é quem está mais propenso a sair do controle. E, seja qual for o campo em que estejamos trabalhando no momento, estes conceitos servem como medida das características cruciais que determinam o nosso valor no mercado, para obtermos futuros empregos.

Neste trabalho procuramos refletir e discutir questões referentes à relação da formação do educando, em relação aos ensinamentos de valores e à formação para o

Ensino Superior e/ou vida profissional. Analisamos em consonância a essas questões como as escolas, representadas por coordenador e professores, trabalham em prol dessas necessidades e quais suas posturas diante destas.

Em resposta às nossas questões percebemos que tanto os alunos quanto o corpo docente da escola e coordenador convergem em afirmar que os valores em questão são um conjunto de virtudes adquiridas na vida e que a escola tem a função de confrontar o educando com situações do cotidiano. Em específico, a coordenadora afirma que, a escola tem um papel fundamental na formação do cidadão, já que através dela são ensinados os valores morais, atitudes, além da formação acadêmica, através das disciplinas do próprio Ensino Médio. Afirma-se então que a escola tem o papel de preparar os alunos para a vida, ou seja, para a cidadania e para a vida profissional.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO< Mary Garcia. **ENSINO MÉDIO: MÚLTIPLAS VOZES.** Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

A. J. AKKARI. **DESIGUALDADES EDUCATIVAS ESTRUTURAIS NO BRASIL: ENTRE ESTADO, PRIVATIZAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO.** Educ. Soc. vol.22 no. 74 Campinas. Abr. 2001. 13 de abril de 2009, às 18h01min.

BORDAS, Miguel Angel Garcia. SILVA, Maria Cecília de Paula e. O INDIVÍDUO COLETIVO: REFLEXÕES E CONTRAPONTO NAS UTOPIAS DA CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO COMUNITÁRIO E SUAS MANIFESTAÇÕES.

BRAGA, Mauro Mendes. PEIXOTO, Maria do Carmo L.. BOGUTCHI, Tânia F.. **TENDÊNCIAS PELA DEMANDA DO ENSINO SUPERIOR: ESTUDO DE CASO DA UFMG.**

BRASIL, Ministério da Educação. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.** Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/pdf/ldb/pdf>. Acesso em: 09 de setembro de 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ENSINO MÉDIO.** Salvador, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Educação Básica. **ENSINO MÉDIO COMO EDUCAÇÃO BÁSICA.** VELLOSO, Jacques, MELCHIOR, José Carlos de Araújo, BONITATIBUS, Suely Grant. São Paulo: Cortez; Brasília: SENEb, 1991.

BUENO, José Maurício Haas. PRIMI, Ricardo. **INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: UM ESTUDO DE VALIDADE SOBRE A CAPACIDADE DE PERCEBER EMOÇÕES.** Psicologia Reflexiva Crítica. Vol. 16. Nº 2. Porto Alegre. 2003.

CABANAS, J.M.Q. **EDUCACIÓN MORAL Y VALORES.** Revista de Ciências de La Educación, n.166, abr-jun. 1996.

CAMPOS, Michele. GREIK, Michl. VALE, Tacyanne do. **HISTÓRIA DA ÉTICA.** CienteFico. Ano II, Salvador, agosto-dezembro 2002.

CÂNDIDO, Viviane Cristina. **EDUCAÇÃO DE VALORES – UM OLHAR PELA PERSPECTIVA DE HUBERT HANNOUN E FRANZ ROSENZWEIG.** Disponível em: http://vivianecand.dominiotemporario.com/doc/Viviane_Candido_-_Valores.pdf. Acesso em 6 de outubro de 2009, às 23:32.

COMO AS ESCOLAS PREPARAM OS ALUNOS PARA O VESTIBULAR. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/1650/1/como-as-escolas-preparam-os-alunos-para-o-vestibular/pagina1.html>. Acesso em 7 de junho de 2009, às 14:19h.

ESCOLAS PARTICULARES COMO EMPRESAS. Disponível em: http://www.mariopersona.com.br/entrevista_integracao.html. Acesso em 3 de agosto de 2009, às 16:12h.

DELORS, Jacques. (Org.). **EDUCAÇÃO: UM TESOURO A DESCOBRIR: RELATÓRIO PARA A UNESCO DA COMISSÃO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI.** 4. ed. São Paulo : Cortez, 2000. p. 11, p.19-32.

DIAS, Adelaide Alves. **EDUCAÇÃO MORAL PARA AUTONOMIA.** Psicol. Reflex. Crit. [online]. 1999, vol.12, n.2, pp. 459-478.

FANTIN, Glenda Taise Valois. COSTA, Symone Maia da. **AMBIENTE SÓCIO-MORAL NO ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE BELÉM: A PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS.** Belém – Pará. UNAMA. 2001

FAURE, Edgard. **APRENDER A SER** . Lisboa Livraria Bertrand: Portugal, 1972.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **ENSINO MÈDIO: DESAFIOS E REFLEXÕES**. Ed. Papyrus, São Paulo. 1994.

GOERGEN, Pedro. **EDUCAÇÃO MORAL: ADESTRAMENTO OU REFLEXÃO COMUNICATIVA?** Educ. Soc. Vol.22, n.76. Campinas. Outubro 2001.

GOLEMAN, Daniel. **TRABALHANDO COM A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRAWCZYK, Nora Rut. **O PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO ESTADUAL: REFLEXÕES PARA PENSAR OS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO**. FE/Unicamp. Agosto de 2007.

LIBÂNIO, José Carlos. **ADEUS PROFESSOR, ADEUS PROFESSORA? NOAS EXIGÊNCIAS EDUCACIONAIS E PROFISSÃO DOCENTE**. Editora Cortez, Goiânia, 1998.

MARTINELLI, Marilu. **AULA DE TRANSFORMAÇÃO: O TRABALHO DE EDUCAÇÃO EM VALORES HUMANOS**. São Paulo, Petrópolis, 1996. Série Educação para a Paz.

MENIN, Maria Suzana de Estefano. **VALORES NA ESCOLA**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p.91-100, janeiro-junho 2002.

OLIVEIRA. Márcia de Holanda. **O TRABALHO DO PEDAGOGO E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DENTRO DAS ORGANIZAÇÕES**. Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA. Rosane Sousa. **O DESENVOLVIMENTO MORAL**. UFBA, 2007.

PINHO, Alceu G. de. **REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO CONCURSO VESTIBULAR PARA AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS**. Estud. av. vol.15 no.42 São Paulo Maio/Agosto de 2001.

ROSA, Dora Leal. MIRANDA, Theresinha Guimarães. **ESCOLA E FORMAÇÃO DE VALORES.** UFBA.

VERON, Eliseo. - **LA SEMIOSIS SOCIAL – FRAGMENTOS DE UNA TEORIA DE LA DISCURSIVIDAD.** Barcelona, Gedisa, 1993.

ANEXOS**Questionário para alunos**

1. Você acha que aprender sobre moral ajuda na formação do homem?
 SIM NÃO

2. Você acha que o profissional deve tomar posturas pautadas em valores morais?
 SIM NÃO

3. Você acha importante que os professores tragam as discussões sobre valores morais para a sala de aula?
 SIM NÃO

Questões Abertas

4. Para você o que são valores?

Questionário para professores

1. O que você entende por moral?

2. Quais valores você julga importantes para a formação do indivíduo?

3. De acordo com sua experiência como docente é possível formar o indivíduo contemplando o futuro profissional e a valorização de posturas morais?
